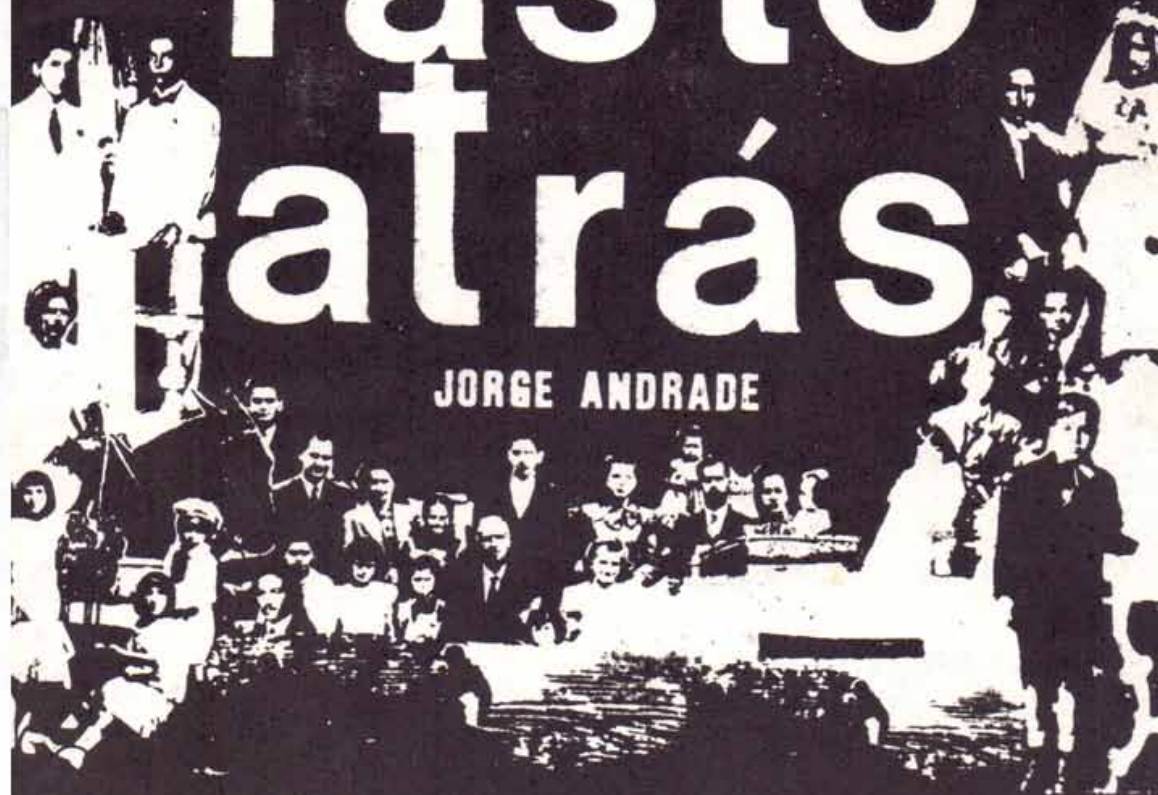


**GRUPO
DIVULGAÇÃO**

rasto atrás

JORGE ANDRADE



CENTRO DE ESTUDOS TEATRAIS
Grupo Divulgação
apresenta

RASTO ATRÁS

de Jorge Andrade

Forum da Cultura
1989

Um homem com a escrita feita

márcia falabella

"... perdeu a condição rural. Ficaram, contudo, a lavoura e os rebanhos do ar. E a poesia constitui uma forma desses bens não fungíveis, por isso mesmo que abstratos."

C D A

Talvez, Jorge Andrade jamais tenha perdido sua condição rural, de filho de fazendeiro, como relata Carlos Drummond de Andrade, em **Fazendeiro do Ar**, cujo personagem é inspirado na figura de Jorge. Ampliou seu horizonte para além da terra, ora fértil, ora estéril. Atingiu, em contraponto à natureza, a cultura. E, com esse discurso, tentou ser no mundo, com todas as dúvidas, inseguranças e certezas do homem.

Nasceu Alúzio Jorge Andrade Franco, no dia 21 de maio de 1922, em Barretos e viveu até os 20 anos na Fazenda Coqueiros. Filho de Ignácio Lima Franco e Albertina Andrade Franco, tornou-se dramaturgo premiado e famoso. **"Mudou de nome (...) Renegou até o nome do pai"**. O conflito com a figura paterna foi uma constante na vida e na obra do autor.

Como filho mais velho, a ele caberia carregar a prosperidade herdada dos Junqueira, família do sul de Minas que emigrara para São Paulo. Mas a vida provou que, como a caça, o destino muitas vezes corre rasto atrás. Assim, o menino não brincava com os bezerros ou no meio dos cafezais como as outras crianças preparadas para a posse futura da terra. Seu mergulho não foi no rio e sim nos livros.

Partiu para São Paulo, em 1940, para estudar Direito, mas não terminou o curso, abandonando a faculdade dois anos mais tarde. Assim, nem advogado, nem fazendeiro, pois agora os trinta mil alqueires de terra foram reduzidos a sessenta e um, em consequência da crise de 1929. Tentou ainda a carreira militar na Escola de Cadetes de Fortaleza, onde morou por alguns meses. Também não estava lá a resposta que tanto procurava e que definiria sua vida.

O encontro com o teatro, que lhe abriria as portas, acontece em 1951, ao assistir a **O Anjo da Pedra**, de Tennessee Williams, numa montagem do Teatro Brasileiro de Comédia. Jorge Andrade passava por São Paulo a ca-

minho de Santos. Num depoimento dado ao Serviço Nacional de Teatro, atual INACEN, lembrou o fato: "Assisti ao espetáculo e senti um negócio realmente diferente, esquisito."

Terminada a peça, procurou Cacilda Becker, que interpretava papel principal, e confessou-lhe sua aspiração de trabalhar em teatro. Cacilda pediu-lhe que a procurasse no dia seguinte. "Você tá falando, tá insinuando que gostaria de representar no palco, mas a vida não é assim. Acho que deve entrar numa escola, mas não para ser ator, porque você não é ator. Entre, quem sabe você escreve..."

De fato, escreveu. Diante do papel em branco deu vida a inúmeros personagens e reinventou tantos outros marcados em sua memória, misturando realidade e ficção. Seu primeiro texto, *O Telescópio*, deu-lhe o "Prêmio Fábio Prado". Com *A Moratória*, venceu o concurso da *Rádio Jornal do Brasil* e o Saci do jornal *O Estado de São Paulo*. Ganhou uma bolsa para estudar teatro nos Estados Unidos.

Numa longa conversa com Arthur Miller, este lhe recomendou que voltasse ao Brasil para descobrir "por que os homens são o que são e não o que gostariam de ser", e escrever sobre isto. Foi o que fez e, diga-se de passagem, muito bem feito, pois Jorge Andrade é considerado um dos grandes na dramaturgia brasileira.

Produziu também para a TV os textos *O grito e Sabor de Mel*, e adaptou *Os Ossos do Barão*. Para ele, a televisão era o único veículo capaz e com possibilidade de atingir a totalidade do público, indo além do entretenimento. Apesar de considerá-la como o mais importante meio de comunicação da atualidade, fazia restrições quanto à sua utilização.

Casado, em 1956, com Helena de Almeida Prado, Jorge Andrade teve três filhos: Gonçalo, Camila e Blandina. Escreveu dezessete textos para o teatro. *Rasto Atrás* foi a primeira colocada no concurso do SNT, em 1966. Faleceu vítima de um edema pulmonar agudo, aos 62 anos, no dia 13 de março de 1984. Estava internado no Instituto do Coração, recuperando-se de uma cirurgia para implantação de uma ponte-safena, feita meses antes. Seu corpo foi velado no Teatro Municipal de São Paulo.

A ligação do dramaturgo com o Divulgação aconteceu há doze anos, quando o grupo montou *Pedreira das Almas*. Hoje, as cortinas do palco se abrem novamente para recebê-lo. Um caminho que percorre trilhas de pedra até chegar na vastidão dos campos de terra, onde estão latentes raízes e sentimentos de uma família, que reflete a realidade de tantas outras, fazendo valer a essência do teatro.

No rastro de uma dramaturgia radical

"Para se escrever sobre um meio é necessário senti-lo até no sangue, e não poder viver nele. Assim como para escrever sobre um ser humano é necessário compreendê-lo, a ponto de amá-lo... e não poder fazer nada por ele – às vezes nem mesmo suportá-lo".

Jorge Andrade

A dramaturgia de Jorge Andrade corresponde a um complexo processo de resgate da memória como forma de construir o amadurecimento de uma reflexão crítica sobre a realidade. Ela articula sempre os dois pólos vitais da consciência: a descoberta interior do sujeito e sua explosão exterior em busca da conjunção com o outro e com seu objeto social. Desta forma ela surge nas lembranças e nas dores do autor, tingindo-se dos tons autobiográficos e neste universo íntimo encontra o instrumento para emergir e descobrir a energia de marcas seculares da realidade social responsáveis pelo enraizamento de concepções, critérios, consciências.

Uma história do Brasil filtrada pela sala de jantar, pela cozinha enfumaçada, pelo rio e pela natureza pujante da fazenda com suas intrincadas lições de vida e de relacionamento. Todas as realidades desfilam pelos encontros e desencontros de um menino sensível que não consegue trilhar os caminhos traçados pelo pai e nem se desvencilhar da figura paterna em cuja seiva se alimenta. Todos os homens e todas as experiências humanas se concentram em situações repetidas que formam um ciclo consciente e pacientemente elaborado ao longo de várias peças teatrais.

Os enredos se tecem a partir das personagens, sempre vigorosas e de raízes tão sólidas quanto fundamentais são suas atitudes para mostrar a importância dos gestos na consolidação dos acontecimentos reais. Caso único na dramaturgia brasileira e que aproxima Jorge Andrade dos trágicos gregos, suas personagens estão entrelaçadas em grandes famílias míticas primordiais que traçam os contornos da sociedade paulista, desde suas raízes rurais até ao estabelecimento da riqueza industrial. Aristocratas e emigrantes, senhores rurais e colonos, beatas, mulheres fortes alimentadas na terra e sem so-

nhos ou sonhadoras massacradas pela realidade adversa, os seres dramáticos de Jorge Andrade compõem um tecido simbólico cujo desenho é conduzido, sobretudo pelo impasse erguido numa contradição entre a necessidade vital de alimentar-se na tradição e a ânsia pelo progresso a impor uma dolorosa ruptura de laços.

Não há vilões nem heróis nesta epopéia histórica que traça os rumos de uma sociedade desencravando-os do cotidiano. A imagem fundamental de **Rasto atrás**, mostrando a esperteza da caça que retorna sobre o próprio rasto de forma a confundir o caçador e, assim, neste ir e vir para a frente e para trás poder prosseguir mais adiante e sobreviver ao predador, talvez seja a mensagem central da visão de mundo de Jorge Andrade. Assim, o autor se empenha em percorrer um caminho rasto atrás em busca dos erros e acertos dos ancestrais, do passado retido na memória, dos costumes perdidos no tempo, de forma a infundir no progresso e na caminhada para o futuro a força das dores e das alegrias remotas que forjaram o presente.

Como o caçador experiente e, por isto mesmo paciente e criterioso, é que se deve ler a obra de Jorge Andrade. Não adianta tentar catalogar, mas o percurso reflexivo é claro, ainda que as pegadas se interpenetrem. Assim, em **As confrarias** e em **Pedreira das Almas**, o cotidiano é dilacerado pelas revoluções libertárias. O futuro exige o corte brusco com o passado. O templo centraliza a cena e os mortos contaminam os vivos clamando por justiça e imprimindo nova seiva à própria qualidade de vida. Em **As confrarias** é o cadáver de um ator, alguém capaz de viver em si todos os homens, todas as mulheres, de carregar ao mesmo tempo a morte e a vida. Alguém que "morria e renascia todas as noites. Às vezes como encontrei... no corpo de outro..." Para ela os "mortos não serão mais inúteis. Devem ajudar os vivos. Para que serve um corpo esquecido como galho de árvore... ou como laje!" Por isto ela faz do corpo de seu filho uma bandeira para que todos sejam iguais, para que todos compreendam que carregam dentro de si todos os mortos, mas que a força de luta só existe em defesa da vida.

Em **Pedreira das almas** o morto defende com seu cadáver a sobrevivência do ideal dos vivos. O passado precisa ser deixado para trás para que a terra prometida possa ser encontrada. E o guia é Gabriel que, nutrido pela morte de Martiniano pode afirmar que não tem mortos a defender, mas vivos a conduzir. E o futuro é o abandono do útero mineral da terra – o ciclo do ouro – em busca da fertilidade feminina da terra – o ciclo do café – a ser culti-

vada com suor e esperança.

A moratória e O telescópio atingem numa encruzilhada adiante a decadência da agricultura cafeeira, a queda dos grandes senhores rurais e a cidade desponta como cidadela de enfraquecimento, onde os jovens se perdem e os velhos não sobrevivem. A transformação dos valores, a queda de toda uma estrutura de poder que se dilui e revela, ao mesmo tempo, a fragilidade de seus alicerces. Assim, a força bruta do agricultor, uma vez confrontada com a consciência de sua própria brutalidade perde o vigor antigo da luta por um solo onde plantar o futuro e se transforma em desvario, em insanidade de apego a falsos valores e retrocesso. Embriaguês, futilidade, idéias fixas, frivolidades e alucinações visionárias são traços desta realidade diagnosticada.

Em **Vereda da salvação** revela o sustentáculo desta coluna rural. Nela os trabalhadores rurais são retratados em sua dura indigência que os encaminha também no rumo do desvario: o fanatismo. Considerada por Anatol Rosenfeld como a nota mais áspera da sinfonia que compõe este ciclo de análise da sociedade paulista e brasileira, **Vereda** mergulha de cabeça na opressão do homem do campo, cuja saída sangrenta conjuga um forte conteúdo mítico e se reveste de denúncia de todos os fanatismos que tantas vezes desviaram o camponês brasileiro da luta pela dignidade do trabalho acenando com uma transcendência libertadora.

Senhora na boca do lixo inaugura o diagnóstico urbano com uma caricatura da aristocracia decadente. Aqui também a loucura parece ser o refúgio contra a degradação de ser apenas mais um na multidão, contra a perda de status e da dignidade que sempre havia sido colocada na diferença. E é mais uma vez a desigualdade instaurada em nome do "todos são iguais perante a lei" que move a pena de Jorge Andrade, numa repreensão conjunta das antigas e das novas estruturas, cujas linhas camuflam a nostalgia dos antigos privilégios, transformando o progresso apenas em mudança dos pólos das desigualdades.

O tema da oposição entre os bens e o sangue, o capital e a origem aristocrática, a atração pelo "paulista quatrocentão" que atrai os novos detentores do poder econômico, os industriais, sobretudo os imigrantes italianos, povoará **A escada e Ossos do barão**. Aqui o humor será o responsável tanto pelo tratamento humano que Jorge Andrade sempre reserva a seus personagens de forma a não linearizar a condenação, quanto o castigo aos vícios e

desvios. Uma vida urbana mais complexa, onde a tradição não resiste aos apelos do estômago e onde a honra nem sempre é o que conta mais, abre os caminhos paradoxais da ética contemporânea e deixa em suspenso o valor do progresso. O teor autobiográfico que pintou com cores dolorosas o relacionamento entre pai e filho se acentua anunciando **Rasto atrás e Sumidouro**

Nestas duas peças o homem e o dramaturgo mergulham definitivamente e sem qualquer camuflagem nos conflitos existenciais evidenciados pelos contornos sociais. A dúvida sobre de que lado se está, se no da nostalgia ou no da consciência crítica aflora revelando a maturidade da reflexão. São obras densas e bem trabalhadas dramaturgicamente e a concentração na personagem é tão vital que chegamos a ver uma mesma personagem sendo representada por quatro atores que caminham de mãos dadas em cena, unindo as idades e resgatando a memória como presença concreta.

Mas Jorge Andrade não é apenas conteúdo. A análise criteriosa que desenvolve e que singulariza sua obra no conjunto da dramaturgia brasileira é também rica em diversidades no que diz respeito à construção dramaturgica. O autor experimenta diferentes processos e intercala estilos, unindo realismo social, psicológico, lirismo, expressionismo, com momentos épicos brechtianos e rasgos poéticos dignos dos textos clássicos. Há preocupação literária em seus diálogos que, nem por isto perdem a síntese dramática que faz caminhar a ação e permite a concretização de climas e personagens. Por isto ele é um autor de teatro, um dramaturgo verdadeiro, visto que constrói, com uma linguagem brasileira de alto nível um também criterioso diagnóstico da problemática contemporânea da vida nacional, conjugando-a com a releitura das diferentes etapas históricas por que passou o país. São Paulo é Brasil, que é um microcosmo do mundo, sem perda de identidade. Cada personagem é peça de uma engrenagem dramática, é alguém que brota da memória do autor e é o homem em dimensão universal.

"Memória familiar pessoal so interessa na medida em que deixa de ser nossa para ser de todos. A arte consiste em descobrir o pessoal que é memória do coletivo"

Jorge Andrade

O rasto que marca a passagem

José Luiz Ribeiro

Com **Rasto Atrás** mais uma vez se percorre o campo da memória, através da dramaturgia, da história recente do Brasil e dos caminhos percorridos pelo homem brasileiro.

Inscrito no campo do memorialismo, junto a uma série de textos que se concentram como um testemunho de fatos idos e vividos, o trabalho de Jorge Andrade está ao lado de **A margem da vida**, de Tennessee Williams, **Aurora da minha vida**, de Naum Alves de Souza, **Somos todos do jardim de infância**, de Domingos de Oliveira, e de outras obras.

Pungente testemunho de uma saga **Rasto Atrás** atravessa o polêmico Brasil de 22, passa pelos anos 30, ultrapassa os anos 40, rompe os anos dourados e deságua no mar de autoritarismo que avassalou nossas vidas a partir dos anos 60.

Dotado de uma linguagem cinematográfica, com avanços e recuos no tempo e no espaço, **Rasto** conta, através da memória do escritor Vicente, uma história que, formalmente, implode as regras aristotélicas de unidade de ação, tempo e espaço. Os personagens tecem diálogos ao longo de todas estas décadas.

Fruto de uma época influenciada pelos veículos audiovisuais, pelo procedimento brechtiano, com toques de Piscator, em que o teatro recebe projeções, de filmes e slides, como um importante aliado para a transmissão de informações que fazem avançar a trama. O texto é um verdadeiro emaranhado de rúbricas, quase um roteiro de cinema, onde a imagem, muitas vezes, se sobrepõe ao verbo.

Nossa opção, neste espetáculo, foi, mais uma vez, pelo despojado. Tendo feito, ao longo destes anos todos, montagens que desenvolveram cenografias requintadas, estamos numa fase de experimentação de uma estética mais radical, buscando a síntese de traços para apoiar a seqüência dramática.

Assim todo o espaço cênico apresenta um jogo de claro/escuro onde as paredes são interrompidas para quebrar o espaço naturalista e, ao mesmo tempo, mostrar frestas das **tranches de vie**.

O narrador em presença, personificado por Vicente, aos 43 anos, é projetado num grande salão de espelhos que amplia, reduz, distorce, isola e embaça imagens presas no tempo da memória. Quatro vicentes são mostrados, de forma prismática em um diálogo só permitido ao campo da arte. Vicente com cinco, quinze e vinte e três anos, presos no passado, são revisitados pelo homem maduro que precisa recuperar sua identidade, dentro da liberdade, personificada por um "pássaro de penas de prata".

A luta entre a natureza, representada pela caça, e a cultura personificada pela arma do caçador implacável, é travada a cada instante como um ritual primitivo de resgate e apacamento. E no clamor desta batalha ouvimos vozes que indicam o caminho onde se amoitam as mágoas que precisam ser libertadas.

Os retalhos de cotidiano, resgatados pela lembrança, caracterizam, com riscos fortes, o contorno de tempos que começam a se apagar. Assim, num **rondó** interminável, as tias debulham sua solidão com movimentos ágeis de mãos que desaguam em crochês destinados a fundo de gavetas, mas que, como armadilhas, prenderão e servirão de mortaldas às lembranças. O mesmo tema, solado na flauta longínqua de Bernadino, desemboca nas lembranças de Isolina e envolve os sonhos de Vicente, em sua narrativa que perpetra uma análise longa e dolorosa.

Um Brasil que não ouve o mundo, mas observa, nos jornais atrasados, as notícias apocalípticas, como o grande Titanic que afunda com os males do mundo. É a caminhada predatória que avança rumo à tecnologia, produto de um mundo positivista: dos tróleis, puxados a burro, substituídos pelo uivo avassalador da locomotiva inglesa que, em breve, vai levar para longe o coração da terra brasileira, transmutado em minério de ferro.

Tudo isso conduz a um espetáculo grávido de cotidiano que se faz presente através de flashes rápidos. A modernidade do teatro caminha, como a sociedade, para um ritmo vertiginoso e, assim, procuramos gradar, nesta montagem, uma sucessão de alegros e adágios. Entre o acontecer do presente e a reflexão do passado caminha o espetáculo.

A luz é nervosa e ora se fecha em cenas que isolam os atores, ora se espraia pelo espaço cênico, integrando uma colagem rica em gradações cromáticas. Um grande álbum de retratos é percorrido com rapidez e, no amontoado da memória, alguns trechos recolhidos ficam guardados.

A música conduz o filão, ambientando cenas, marcando, de maneira nostálgica, as emoções das tias, a memória de Vicente, externando pensamentos e servindo de epígrafe. A sonoplastia flui ao encontrar ruídos do cotidiano, formando uma enorme sinfonia de sons que anunciam tempestades e diluem mágoas.

O figurino reproduz trajes dos anos 20, 30, 40 e 60. O cotidiano é revisitado de maneira sutil. As cores, pesquisadas para cada época, mostram o cunho social da moda, o tempo e a força da visão que rica acumulada na memória.

O espetáculo repousa no trabalho dos atores, na composição da volumetria dos seus corpos que, deslocando-se pelo espaço, ampliam, num sentido coreográfico o universo da vida. O trabalho é voltado para tons delicados de ser, viver e sonhar.

Estamos torcendo para que ele chegue ao público para ser visto com os olhos do coração, da emoção, sem o racionalismo exacerbado que emburrece, com análises cáusticas, o próprio ser, que, autoritariamente, se posta como o grande juiz do mundo.

Este é o 80º trabalho que o Grupo Divulgação desenvolve no campo da montagem. Um número redondo que atesta uma longa folha de serviços prestados a uma comunidade. Este é mais um trabalho voltado para um público, verdadeiramente, popular que descobriu o teatro como exercício de cidadania.

Mais uma vez escolhemos um texto que instrumentaliza o diálogo da ficção com a vida, objetivo maior do trabalho artístico e, assim, possibilitamos ao público o contato com uma das obras mais pungentes da dramaturgia de Jorge Andrade. Este é o nosso sacrifício que se oferece a um deus tutelar em honra de um trabalho que, um dia, foi chamado por Paschoal Carlos Magno de **limpo, honesto e consciente**.

"Jorge Andrade traça,
em RASTO ATRÁS, um
mapa doloroso da história do homem
brasileiro"

"Rasto Atrás, pelo
Divulgação é mais
um passo no
longo caminho
do teatro mineiro"

O DIVULGAÇÃO E O PÚBLICO

Excelente. Um trabalho consciente e maduro, proporcionando reflexão e análise do cotidiano, visando soluções adequadas.

(Fábio de Souza, téc. laboratório, São Mateus)

Engraçado e comovente... Me fez rir e chorar... Das peças que assisti, creio que nunca esquecerei. Continuem assim, dando força à cultura juizforana.

(Wanesca Daibert, estudante, Centro)

Excelente. Nada devendo a outros grupos de teatro do Rio/São Paulo.

(Sérgio Jaguaribe, médico, Centro)

Um trabalho dinâmico de larga importância à valorização da cultura teatral de Juiz de Fora, devido à maturidade artística de cada membro do grupo.

(Adriano Spatin, téc. em patologia clínica, Poço Rico)

O grupo é muito unido e todas as apresentações são excepcionais. Brilhante.

(Flávia Silva, estudante, Centro)

É muito bom. A cada dia se renova e possibilita ao público assistir bons espetáculos.

(Kátia Lavínia, estudante, Centro)

É um grupo que merece respeito do público. Organizado e talentoso.

(José Carlos, estudante, Jôquei Clube)

O grupo é muito bom. Procura, dentro de um contexto global, representar as melhores peças e apresenta um nível profissional digno de ser visto por todos.

(Ana Botelho, pedagoga, Centro)

É um grupo muito criativo, que tenta introduzir o máximo possível de cultura teatral em Juiz de Fora. Merece o apoio da população por seu esforço.

(Cláudia Gonçalves, secretária, Benfica)

É um grupo idealista que expande a cultura a cada recanto de Juiz de Fora com uma garra muito grande.

(Léia Lima, orientadora, São Mateus)

Muito bom. Em certos momentos parece que estamos diante de profissionais e não de amadores.

(Luiz Alberto, advogado, Centro)

A melhor possível. Organizado e preocupado com a cultura e os rumos da sociedade.

(Itamar Paulino, estudante, Joquei Clube)

Eu acho o maior barato, muito legal. Gosto muito.

(Flávio da Costa, estudante, Barbosa Lage)

É um grupo que, a cada dia que passa, está sempre melhorando e a tendência daqueles que procuram melhorar é CHEGAR PARA FICAR. Parabéns!

(Mara Helena, estudante, Vale do Ipê)

Merecedor de todo apoio.

(Michelangelo Raphael, juiz, São Mateus)

A peça é muito boa. Teve grandes momentos. Todos os atores saíram-se muito bem. Eu daria como conceito nota 10, pela brilhante desenvoltura da peça. Parabéns!!!

(Ana Botelho, pedagoga, Centro)

Adorei a peça. Criativa e bem humorada. Vocês trabalham muito bem na crítica.

(Luciana da Silva, aux. de escritório, Santa Luzia)

Uma crítica madura e consciente. Foi o maior barato!

(José Carlos de Matos, estudante, Joquei Clube)

Gosto muito do trabalho do grupo. Vocês conseguem atingir seus objetivos com as peças que apresentam, pois trazem o humor bem dosado acompanhado da cultura.

(Maria Aparecida, professora, Centro)

É, sem dúvida nenhuma, a alma do teatro em nossa cidade, graças à garra e coragem de todo o pessoal que acredita que teatro é cultura e lazer.

(Ângela Cristina, psicóloga, Santa Helena)

Sempre levando informação teatral para uma cidade carente neste aspecto. Toda carga de informação minha é basicamente Divulgação.

(Dayse Hudson, art. plástica, São Mateus)

Pegadas de meu rastro

Maria de Fátima César Amorim

"Não gosto do que acabo de escrever, mas tenho que aceitar todo o texto, porque ele me aconteceu. E eu sou o que eu me aconteço"

Clarice Lispector

1981. Terceiro período de Comunicação. Princípio de agosto. Pouquíssimas peças teatrais assistidas. Nada sabia a respeito de teatro quando, através do professor José Luiz Ribeiro, fiquei a par de que o Grupo Divulgação (do qual era espectadora assídua) abriria suas portas para um Curso de Iniciação ao Teatro.

Curiosa, resolvi fazê-lo. E sabe Deus como; pois a grana era curta e não estava no meu orçamento aquele gasto extra. Mas, devido à grande atração que sentia por esta arte do efêmero, apertei daqui, espremi dali e lá estava eu, assistindo às palestras, tomando contato com um mundo diferente daquele que conhecia.

Foi paixão à primeira vista. Até então, eu achava que, para fazer teatro, seria preciso um teste. Quando, ao fim do curso, fomos convidados a participar do grupo, mal pude disfarçar a felicidade.

A primeira montagem da qual participei (apenas dos preparativos) foi *Dona Baratinha*. Na época da estréia, final de outubro/81, precisel fazer uma pequena cirurgia, o que me impossibilitou de subir ao palco.

1982. *O Rei da Vela*. No dia da estréia, abre-se a cortina. Ao ouvir a movimentação do público, fui tomada por uma forte emoção que quase me levou ao desmaio. Fui salva por um dos atores que, ao ser empurrado, veio esbarrar em mim, despertando-me, fazendo-me voltar ao estado normal e o restante transcorreu tranqüilamente.

Segundo espetáculo. Novamente, ao barulho da cortina se abrindo, quase desmaio. Ao terceiro dia, conversei com nosso diretor, dizendo que não queria entrar em cena, sentia que iria passar mal. José Luiz, então, me disse que se eu quisesse ficar de fora, ele não teria nada contra, mas se eu não vencesse aquilo, nunca mais teria coragem de pisar num palco. Me enchi de coragem e aqui estou até hoje, oito anos depois.

Minha trajetória no grupo foi cheia de altos e baixos. Por ser extremamente tímida, desconfiada como todo bom mineiro e, ainda por cima, taurina de cabeça dura, sofri muitas mágoas, tive muitas frustrações. Não me sentia aceita como gostaria de ter sido amada desde o início. E nesse princípio tenho boas recordações de Robson Terra que me incentivou e foi a mão mais amiga que encontrei no Divulgação.

Lembro-me também do meu primeiro aniversário, 3 de maio. Como sempre acontecia para todos do grupo, esperei, inutilmente, ouvir "Parabéns pra você". E aí vem o Guy, coisa que nunca esperei. Quem haveria de imaginar que somente ele me desejaria felicidade neste dia? Foi o único a se lembrar. Talvez hoje ele tenha se esquecido disto, mas eu não. É uma gratidão que levarei comigo para sempre.

1983. **O jardim de cerejeiras**, uma das mais lindas montagens do grupo. Fui escolhida para operar o som e fiquei numa felicidade imensa, pois de mim dependeria aquele grandioso espetáculo. Ainda no **Jardim**, o primeiro namoro com o personagem. Dentro da cabine eu o criei, o vivi, eu o inventei dentro de mim. E o curioso é que era um personagem que não aparecia na peça, que só era mencionada. Talvez assim como eu.

Depois de três anos de grupo, 1984, ainda me sentia um peixe fora d'água. Veio, então a descoberta de Valéria, grande amiga. Uma pessoa que antes, nesse período de convivência, eu não soube perceber. Pessoa sensível, prestativa e amorosa que, até hoje, tem um lugar especial no meu coração.

O tempo foi passando, as peças e os papéis se sucedendo: a frustração da **Gema**; a alegria da escrava e a criação inesquecível do garoto roceiro, de 18 anos, em **Deputado**; soltar os bichos na sambista de **Dr. Getúlio**; o fogo da prostituta em **Esta noite**; a sensualidade em **Fausto**; contracenar com Valéria em **Inpetor** (uma grande conquista). 1984 foi também o ano da formatura em Jornalismo.

1985. Emprego no **Tribuna de Minas**, e, finalmente, **Girança**. A grande dor, a escolha: ou trabalhava na minha profissão, ou seria auxiliar de escritório a vida inteira. Não duvidei por um instante sequer e agarrei a personagem Terezinha com unhas e dentes. Ela era eu, era minha (possessivamente) e não seria **ninguém**, além de mim a vivê-la, a fazê-la sonhar, a brigar - até ao extremo - por aquilo em que acreditava. Na estréia o primeiro abraço que ganhei foi do Zé e da Malu, nunca esquecerei.

E vieram outros textos, outros personagens; todos eu amava. Desde a decepcionante Prudência, até a adorada mendiga de **Bernarda**. E, um dia, o golpe fatal. **A Aurora da minha vida**, que não aconteceu, não existiu para mim. Como um autômato, operei o som. Sofri, chorei. Senti uma dor tão profunda, como só tinha experimentado uma única vez na vida: quando perdi o homem que amei mais do que a mim mesma. Naquela época, véspera da estréia da **Colcha**, o teatro me segurou, me fez renascer. E, em **Aurora**, quando a dor era a mesma e com igual intensidade, não tinha mais nada a que me agarrar. Quase fui à loucura. Mas resisti bravamente e continuo aqui, contra tudo e contra todos.

Canga. O grito da minha raça. O assumir da negritude. A fúria incontida contra um público que, a todo momento, perguntava por que não havia negro no grupo. E eu, o que era? Não existia?

Mercador, de Shakespeare e a sensação experimentada no **Santo milagroso** de, pela primeira vez, fazer o público rir naquela entrada das beatas.

E tantas e tantas peças infantis. O primeiro papel com fala, em **Girassinho**; a pirata do **Sonho**; a criança de **Bem do seu tamanho e**, mais uma mágoa em **Passa**, passa, pois o que eu desejava (com toda força) era fazer uma daquelas vozes do **Monstrão**, dos **Terráqueos** ou do **Superherói**.

E continuo aqui, lembrando sempre de todos os que passaram pelo grupo e já saíram. Com saudades de Thadeu, da companheira Alice, da amiga Regina, do João Ricardo, do Marquinho, do Casé, da Ana Carla e os melhores atores que, em minha opinião, já passaram pelo grupo: a pequenina e meiga Valéria e o grande José Renato Pipa. E pretendo continuar, até que consigam me expulsar, ou até que a vida se encarregue de me levar para ou-

tros cantos. Mas será possível para mim, um dia, viver essas tantas outras que já passaram e fazem parte de mim? Como deixar o teatro? Como não amar Arlete, Aleyse, Marcinha, Marise, Sirlene, Ângelo? Como não amar Suca, com aquele jeito infantil; Guy com seu gênio forte; Augusto, menino ainda; Flávio, Nando, Zé Luiz com seu deboche e todas as pessoas que, neste momento em que escrevo, me rodeiam dentro deste grupo que amo em desespero e que não me deixa abandoná-lo? Arlete, tão menina e tão mãe.

Mas também, como ser plenamente feliz aqui dentro? Procuo há oito anos e ainda não consegui achar o jeito. Como me sentir parte integrante dessa grande família? Será que o erro está em mim? Onde encontrar força e coragem para prosseguir trilhando este caminho dolorosamente escolhido, mas amargamente amado? Como retomar o sentimento que se apossou de mim em São José do Rio Preto, na hora da "grade", quando todos os elementos do grupo se juntaram e todos éramos um só; todos éramos Divulgação da cabeça aos pés, lutando por aquilo em que acreditávamos?

Como ser amada? Como ser aceita? Ou como deixar de amar o teatro e todos os que estão nele? Como sair desta armadilha que eu mesma preparei para mim?

CENTRO DE ESTUDOS TEATRAIS

GRUPO DIVULGAÇÃO

apresenta

RASTO ATRÁS

de Jorge Andrade

Vicente (5 anos)	Tarsila Ribeiro
Vicente (15 anos)	Márcio Gomes
Vicente (23 anos)	Flávio Mattos
Vicente (43 anos)	José Márcio de Souza
Lavínia	Arlete Heringer
João José	Guy Schmidt
Vaqueiro e Jornalista	Luiz Fernando Rocha
Jesuina	Cristina Coury
Pacheco	José Luiz
Isolina	Marise Mendes
Etelvina	Fátima Amorim
Mariana	Márcia Falabella
Dr. França, Prefeito e Marcelo	Augusto França
Maruco e Dr. Galvão	Cursi Jr.
Marieta e Jupira	Aleyse Gramigna
Elisaura	Renata Paiva Pessoa
Maria	Elisa Camillotto
Eugênia	Jaqueline Lelys
Josina	Sirlene Magalhães
Poetisa	Aгна Andrade
Figurinos	Malu Rocha Ribeiro
Iluminotécnica	Elisa Carneiro
Sonoplasta	Patrícia Biage
Administração	Virgínia Fonseca
Cenogr., Progr. Visual, Trilha e Direção	José Luiz Ribeiro

GRUPO DIVULGAÇÃO trabalhos apresentados

espetáculos antológicos:
amor em verso e canção
o homem do século XX
antologia da mulher

apresentação didática:

morte e vida severina, de joão cabral de mello neto
coral universitário

belmiro, murilo, pedro nava
camões

a menina casadoira, de ionesco

pic-nic no front, de arrabal

sganarello, de molière

lição de molière, de josé luiz ribeiro

a farsa do mestre pathelin, anônimo medieval

manuel bandeira, do brasil, de malu ribeiro

departamento de teatro infantil:

a onça de asas

circo de bonecos

estória de lenços e ventos

nem tudo está azul no país azul

guairaká

o embarque de noé

d. baratinha

a gema do ovo da ema

a colcha do gigante

girassinho

putz, a menina que buscava o sol

a noite dos duendes

bem do seu tamanho

sonho pirata

passa, passa assombração

walmir ayala

oscar von pfuhl

ilo krugli

gabriela rabelo

josé luiz ribeiro

maria clara machado

josé luiz ribeiro

sylvia orthoff

zuleika mello

josé luiz ribeiro

maria helena kühner

josé luiz ribeiro

ana maria machado

liliana neves

josé luiz ribeiro

outros espetáculos:

cancioneiro de lampião

o urso

bodas de sangue

electra

diário de um louco

pequenos burgueses

a visita da velha senhora

escola de mulheres

escurial

romanceiro da inconfidência

maria stuart

a morta

o patinho torto

yerma

seis personagens à procura de um autor

as criadas

arlequim servidor de dois amos

nertan macêdo

anton tchekhov

federico garcía lorca

sófocles

nicolai gogol

máximo górki

friedrich durrenmatt

molière

michel de ghelderode

cecília meireles

friedrich von schiller

oswald de andrade

coelho netto

federico garcía lorca

luigi pirandello

jean genet

carlo goldoni

calígula
guerra mais ou menos santa
pedreira das almas
só o faraó tem alma
o beijo no asfalto
mas que papel, seu bacharel!
o estado de sítio
boca do inferno
a mandrágora
o rei da vela
como se fazia um deputado
dr. getúlio, sua vida e sua glória
o jardim das cerejeiras
esta noite se improvisa
o inspetor geral
fausto
girança
a casa de bernarda alba
grito mudo
as aventuras do tio patinhas
a aurora da minha vida
canga
o mercador de veneza
o santo milagroso
rasto atrás

albert camus
mario brasini
jorge andrade
silveira sampaio
nelson rodrigues
josé luiz ribeiro
albert camus
marcus vinícius
maquiavel
oswald de andrade
frança júnior
dias gomes e ferreira gullar
anton tchekhov
luigi pirandello
nicolai gogol
johann wolfgang von goethe
josé luiz ribeiro
federico garcía lorca
josé luiz ribeiro
augusto boal
naum alves de souza
josé luiz ribeiro
william shakespeare
lauro César muniz
jorge andrade

Agradecimento:

Prof. Eduardo Miguel Passarella Freire
Magnífico Reitor da UFJF

Prof. Ismair Zaghetto
DD. Superintendente da FUNALFA

Café Banjo

Prof. Alonso Augusto Moreira Filho
DD. Pró Reitor de Assuntos Comunitários

Prof. Fuad Yasbeck
Gerente de Cultura da UFJF

Funcionários da Gráfica Universitária

Solange Brandão
Supervisora do Fórum da Cultura

Funcionários do Fórum da Cultura

Argos Comunicação

Aos profissionais dos Meios de Comunicação
que acreditam que:
"Mede-se a cultura de um povo pelo seu teatro"
García Lorca

7505

Lei
Sarney

DETALHAMENTO

RESERVAS: 212-3850



APOIO CULTURAL

café

BANJO

PARA QUEM PREFERE QUALIDADE